



As coisas frágeis

NEIL GAIMAN





Coisas frágeis

NEIL GAIMAN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



INTRODUÇÃO

“ACHO... QUE PREFIRO ME LEMBRAR DE UMA VIDA DESPERDIÇADA COM coisas frágeis, a uma vida gasta evitando a dívida moral.” As palavras surgiram num sonho e eu as escrevi quando acordei, sem saber ao certo o que significavam ou a quem se aplicavam.

Concebido há uns oito anos, meu plano original para este livro de fantasia era criar uma coletânea de contos que eu iria chamar de *Essas Pessoas Devem Saber Quem Somos e Contar Que Estivemos Aqui*, citando um balão de quadrinho da página dominical do *Little Nemo* (você pode encontrar uma linda reprodução em cores da referida página no livro *A Sombra das Torres Ausentes*, de Art Spiegelman), e cada história seria contada por um entre vários narradores evasivos e pouco confiáveis, à medida que cada um deles explicasse sua vida, nos contasse quem era e que certa vez, também, ele estivera aqui. Uma dúzia de pessoas, uma dúzia de histórias. Essa era a idéia, mas aí veio a vida real e a estragou. Comecei a escrever os contos e eles se transformaram no que deveriam ser: uns, narrados na primeira pessoa, relatavam fragmentos de vidas, e outros eram simplesmente diferentes. Uma história se recusou a tomar forma até que eu a desse aos meses do ano para ser contada, enquanto outra fez coisas singelas e eficientes com a sua própria identidade para que, assim, fosse narrada na terceira pessoa.

Finalmente, comecei a coletar o material deste livro, ponderando como deveria chamá-lo, uma vez que o título anterior parecia não servir mais. Foi então que recebi o CD *As Smart as We Are*, do One Ring Zero, e ouvi o grupo cantando a frase que eu trouxera do sonho, e me perguntei a que me referia com “coisas frágeis”.

Parecia um belo título para um livro de contos. Afinal, existem tantas coisas frágeis. Pessoas se despedaçam tão facilmente, sonhos e corações também.

“UM ESTUDO EM ESMERALDA”

Este conto foi escrito para a antologia que meu amigo Michael Reaves editou com John Pelan, *Shadows Over Baker Street*. O pedido de Michael dizia: “Quero uma história que junte Sherlock Holmes e o mundo de H. P. Lovecraft”. Aceitei escrever uma narrativa, mas achei a premissa um tanto quanto desanimadora. Afinal, o mundo de Sherlock Holmes é tão completamente racional e preocupado com as soluções, enquanto as criações ficcionais de Lovecraft são profunda e totalmente irracionais, e nelas os mistérios são vitais para manter a humanidade sã. Se eu fosse contar uma história que combinasse esses dois elementos, teria que ser hábil o suficiente para fazer justiça tanto a Lovecraft como ao universo de Sir Arthur Conan Doyle.

Quando criança, eu me deliciava com as histórias de Wold Newton, escritas por Philip José Farmer, nas quais dezenas de personagens fantásticos eram incorporados num só mundo coerente, e adorei ver meus amigos Kim Newman e Alan Moore criarem seus próprios universos à Wold Newton: respectivamente a seqüência *Anno Dracula* e *A Liga Extraordinária*. Parecia divertido. Eu me perguntava se seria capaz de fazer algo parecido.

Os ingredientes da história que eu tinha imaginado se combinaram mais harmoniosamente do que eu esperava quando comecei. (Escrever é bem parecido com cozinhar. Algumas vezes o bolo não cresce, não importa o que você faça, e em outras fica mais gostoso do que você jamais poderia ter sonhado.)

“Um Estudo em Esmeralda” ganhou o Prêmio Hugo em agosto de 2004 como Melhor Conto, algo que ainda me deixa bastante orgulhoso. Também foi responsável pela minha misteriosa introdução, no ano seguinte, nos Baker Street Irregulars.¹

“A VEZ DE OUTUBRO”

Escrita para Peter Straub, para o notável livro *Conjunctions*, do qual ele foi editor convidado. Comecei a redigi-la alguns anos antes, numa convenção em Madison, Wisconsin, quando Harlan Ellison pediu que eu colaborasse com ele num conto. Ficamos isolados do mundo, Harlan com sua máquina de escrever, eu com o meu *laptop*. Mas, antes que pudéssemos começar a escrever o conto, Harlan precisava terminar uma introdução, então, enquanto isso, comecei esta história e lhe mostrei. “Não. Parece uma história de Neil Gaiman”, ele disse. (Assim, eu a deixei de lado e iniciei outra narrativa, na qual Harlan e eu estamos trabalhando desde então. Bizarramente, cada vez que a retomamos, ela fica mais curta.) Portanto, eu tinha guardada no meu disco rígido parte de uma história. Peter me convidou para participar de *Conjunctions* alguns anos depois. Eu queria redigir um conto sobre um garoto morto e outro vivo, como uma espécie de treino para um livro infantil que eu decidira escrever (chama-se *The Graveyard Book*, e estou trabalhando nele neste momento).

Levei algum tempo para entender como realmente seria a história e, quando a terminei, dediquei-a a Ray Bradbury, que a teria escrito muito melhor do que eu. Em 2003 ela recebeu o Prêmio Locus de Melhor Conto.

“LEMBRANÇAS E TESOUROS”

Esta narrativa, cujo subtítulo é “Uma História de Amor”, foi originalmente concebida como uma história em quadrinhos, ou pelo menos parte dela, escrita para *It’s Dark in London*, a coletânea *noir* de Oscar Zarate ilustrada por Warren Pleece. Warren fez um excelente trabalho, mas eu não fiquei satisfeito com o meu, e me perguntei o que teria feito o homem que se chamava Smith ser o que ele era. Al Sarrantonio me pediu uma narrativa para a sua antologia *999*, e decidi que seria interessante visitar Smith e o senhor Alice e a história dos dois. Eles também aparecem em outro conto desta coletânea.

Acho que há mais histórias sobre o desagradável senhor Smith a serem contadas, especialmente aquela na qual ele e o senhor Alice seguem rumos diferentes.

“OS FATOS NO CASO DA PARTIDA DA SENHORITA FINCH”

Este conto surgiu quando me mostraram um quadro de Frank Frazzetta, no qual figurava uma mulher selvagem com tigres ao lado, e pediram que eu escrevesse uma narrativa para acompanhá-lo. Não consegui pensar em uma história, então contei o que aconteceu com a senhorita Finch.

“O PROBLEMA DE SUSAN”

Depois de me dizer que o que estava causando tanta dor no meu pescoço, me fazendo vomitar, sentir dor e ficar confuso era gripe, o médico providenciado pelo hotel onde eu estava hospedado começou a enumerar analgésicos e relaxantes musculares que eu poderia tomar. Escolhi um da lista e me arrastei de volta para o quarto, onde desmaiei, incapaz de me mexer, pensar ou levantar a cabeça. No terceiro dia, meu médico particular ligou, alertado por Lorraine, minha assistente, e conversou comigo. “Não gosto de fazer diagnósticos por telefone, mas você está com meningite”, concluiu — acertadamente, porque eu estava mesmo.

Meses se passaram antes que eu pudesse pensar com clareza suficiente para escrever, e este foi o primeiro texto de ficção que tentei criar depois disso. Foi como aprender a andar de novo. Ele foi feito para *Flights*, de Al Sarrantonio, uma antologia de contos de fantasia.

Durante minha infância, li as *Crônicas de Nárnia* centenas de vezes, sozinho, e depois em voz alta, já adulto, duas vezes, para os meus filhos. Há tantas coisas nesses livros que eu adoro, mas sempre achei o fim de Susan intensamente problemático e profundamente irritante. Acho que, além de falar do poder notável da literatura infantil, eu quis escrever uma história tão problemática e irritante quanto aquela, ainda que seguindo outra direção.

“GOLIAS”

“Querem que você escreva uma história”, minha agente disse, há alguns anos. “É para o site de um filme que ainda não estreou, chamado *Matrix*. Vão te mandar o roteiro.” Depois de lê-lo com bastante interesse, escrevi esta narrativa, que foi postada na internet cerca de uma semana antes da estréia do filme, e continua lá.

“COMO CONVERSAR COM GAROTAS EM FESTAS”

O processo de criar uma história me fascina tanto quanto o resultado. Esta, por exemplo, surgiu de duas tentativas diferentes (e fracassadas) de escrever o relato de uma viagem turística à Terra para a ainda inédita antologia *The Starry Rift*, do crítico e editor australiano Jonathan Strahan. (A narrativa não sairá naquele volume. Esta é a primeira vez que ela é

publicada. Espero escrever outra para o livro de Jonathan.) A trama que eu imaginara, da qual só tinha fragmentos que não se encaixavam, não fazia sentido. Eu estava perdido, e comecei a mandar e-mails para Jonathan, dizendo que não haveria história nenhuma, pelo menos de minha parte. Ele respondeu contando que acabara de receber uma narrativa excelente de uma autora que eu admirava, e que ela a escrevera em 24 horas.

Assim, mordido, peguei um caderno em branco e uma caneta, desci até o mirante nos fundos do jardim e, numa tarde, escrevi este conto. Tive a oportunidade de lê-lo em voz alta pela primeira vez algumas semanas depois, num evento beneficente no lendário CBGBs.² Era o melhor local possível para ler uma história sobre 1977 e o movimento punk, e aquilo me deixou muito feliz.

“O PÁSSARO-DO-SOL”

Minha filha mais velha, Holly, me disse exatamente o que queria ganhar no seu aniversário de 18 anos: “É uma coisa, papai, que ninguém mais pode me dar. Quero que você escreva um conto pra mim”. E então, como ela me conhece bem, acrescentou: “E eu sei que você sempre se atrasa, e não quero que fique estressado nem nada, então, contanto que ele fique pronto até o meu aniversário de 19 anos, não tem problema”.

Havia um escritor de Tulsa, Oklahoma (falecido em 2002), que foi, por um curto período no fim da década de 1960 e início da de 1970, o melhor escritor de contos do mundo. Seu

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

